

"A MODA E O PUDOR": A REVISTA "MARIA" E AS ESTRATÉGIAS DE NORMALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

Maruza Gabrielle Martins Campelo
(Graduanda em História – UNICAP**)**
maruzacampelo@gmail.com
Prof. Me. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História – UNICAP)
walterdoc@gmail.com

Resumo:

A partir da moda podemos entender um conjunto de informações sobre os aspectos sociais e culturais que se diferenciam em cada época e comunidade, contados através de seus vestuários. A mesma conquistou diferentes esferas da vida social, gerando uma influência em diversos âmbitos como comportamentos, gostos, ideias, artes, móveis, roupas, objetos e linguagens. Portanto, a história do vestuário "não é um simples inventário de imagens, mas um espelho articulado entrelaçamento dos fenômenos socioeconômicos, políticos, culturais e de costume que caracterizam uma determinada época" (CALANÇA, 2008, p. 27). Ainda, sobre esse tema, Gilles Lipovetsky também afirma que: "Mas até os séculos XIX e XX foi o vestuário, sem dúvida alguma, que encarnou mais ostensivamente o processo de moda; ele foi o teatro das inovações formais mais aceleradas, mais caprichosas, mais espetaculares" (LIPOVETSKY, 1989, p. 25).

Dessa forma, a moda pode ser compreendida como um termo que inserido em múltiplos contextos, oferece um quadro comum de referência e de reflexão para uma série de aspectos da vida social (Cf.: CALANÇA, 2008). Sendo assim, entende-se esse termo como: "O fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas

e dos gostos, coletivamente validado e tomado quase obrigatório" (VOLLI, apud, CALANÇA, 2008, p. 11).

Diante disso, esses costumes e hábitos são permanentes dentro de um grupo social que determinam o comportamento, a conduta, o modo de ser, ou seja, um composto de vários elementos relacionados entre si, que juntos geram um conjunto de normas e regras coletivas. A moda não pode ser compreendida como algo inerente a todas as épocas e civilizações, pois ela é a expressão social de um tempo, um reflexo de heranças culturais e de ideais correntes que está sujeita a mudanças e que ao longo da história foi um fator determinante de identidade e posição social (Cf.: GONÇALVES, 2007). Essa sociedade consistirá de grupos diferentes de pessoas podendo ser por classe, raça, sexo ou gênero, e cada um deles irá ocupar um determinado lugar na hierarquia social dessa comunidade e em posições de dominação ou subserviência dos demais (Cf.: BARNARD, 2003). No qual, Malcolm Barnard discorre da seguinte maneira: "Afirma-se que a moda e a indumentária são utilizadas não só para constituir e comunicar uma posição naquela ordem social, mas também para desafiar e contestar posições de poder relativo dentro das mesmas" (BARNARD, 2003, p. 67).

Desenvolvimento:

A história da indumentária dentro da ordem social, nas formas de aquisição e posse dos bens do vestuário não fica restrita no campo do mundo econômico, mas também no mundo moral e político, uma vez que colocam em movimento transformações dos comportamentos econômicos e atingem um conjunto de condutas sociais, religiosas, politicas no qual a sociedade é controlada.

Nessa perspectiva de normas, foi discutido por Michel Foucault e analisado por Ricardo Luiz de Souza, para compreender as questões de normalização e de que forma está atua sobre o corpo e sobre a população. Mas para isto, ele primeiramente parte da concepção de normas para chegar ao conceito de normalização – que pode ser definido como um conjunto de normas que atuam de forma sistemática e funcional –, no qual as normas além de punir o corpo, disciplinam e regulamentam. A partir do humanitarismo iluminista surgiu uma nova maneira de punição, fundamentada em um conjunto de ideias que servem como uma nova forma de controle social, gerando um novo sistema normativo, que Michel Foucault a descreve como: "A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo", chamando de "poder de

normalização" (SOUZA, 2014, p. 148). Visto isso, norma constrói corpos dóceis e úteis, aqueles "[...] indivíduos que não resistem às técnicas e práticas que os controlam, mas os incorporam às suas próprias relações e princípios éticos. Posto desse princípio, os padrões de hierarquização, punição e recompensa são ocasionados pela norma" (Cf.: SOUZA, 2014, p. 150).

Seguindo desse conceito de norma e normalização do corpo que foi aventado por Foucault, tencionamos analisar a atuação dos ideais católicos em instituir um modelo de vestes que para eles eram considerados o "certo". Posteriormente buscaremos mostrar através da revista "Maria" publicada entre os anos de 1913 e 1930, as tentativas da Igreja em manter o pudor feminino, o qual mantinha a salvaguarda da mulher, mantendo-a afastada dos "males mundanos", uma vez que, este sentimento estaria sendo perdido com os novos moldes de vestes que exaltavam a sensualidade, fazendo um papel desmoralizador que ocasionava a perda dos bons costumes da mulher cristã, igualando-a as outras mulheres não católicas. Foi nesse contexto, que esse periódico se tornou de extrema importância para a propagação dos princípios cristãos, que por meio de seus exemplares ditava um ideal de vestimenta feminina com a finalidade de manter o pudor. É nesse cenário que utilizaremos o conceito de normalização proposto por Michel Foucault, para compreender as matérias de "Maria" como instrumento da normalização do corpo da mulher e um modelo a ser seguido de comportamento.

Nesse sentido, os indivíduos, principalmente as mulheres, estão sujeitos a uma constante mudança de um sistema de discurso produzido pelo o outro, o qual está inserido numa "sociedade disciplinadora", em que o Estado tem total arbítrio em intervir não só na política como na família, adentrando na vida privada da comunidade, gerando a opressão das mulheres dentro dos lares, que por sua vez, assumiam um papel de protetora do lar e da maternidade, fazendo com que as mesmas fossem sujeitas a serem esposa-cuidadora-mãe-de-família como uma forma de propor um novo modelo de promoção da feminilidade (Cf.: RAGO, 1987). Seguindo essa ideia de um modelo de feminilidade que deveria ser seguido, Margareth Rago, afirma que:

> Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta [...]. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento solicitam a sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho (RAGO, 1987, p. 62).

Dessa maneira, fica claro como as mulheres deveriam se impor e qual o seu papel perante a sociedade daquela época. Porém, é valido ressaltar que, no final do século XIX para o início do século XX, o Brasil passava por diversas transformações sociais sendo elas: abolição da escravidão, proclamação da República e outros processos de modernização dos centros urbanos, afetando diretamente na vida das mulheres, ocasionando mudança de seus modos de se vestirem (Cf.: SILVA, 2009). Todavia, essa modernidade não foi encarada com tanto contento, principalmente por aqueles pertencentes a camada social mais baixa, já que se tratava de um ideário que favorecia os bem-nascidos, os intelectuais, os civilizados etc. Para tal camada social, essa nova visão de mundo estava relacionada a melhoramentos urbanos, higienismo, tecnicismo, implantação de noções de ética do trabalho e normalização dos costumes, sendo compartilhada pelos titulares de poderes religiosos e civis. Na cidade do Recife não foi diferente, a modernidade ocasionou diferentes transformações, que gerou mudanças nos meios de comunicação social e na vida no lar, permitindo a população uma nova experiência de lazer, através dos clubes recreativos, salões de baile, teatros e cinemas.

É importante salientar, que a modernidade foi muito favorecida pelos meios de mídias de massa, que salientaram a sua propagação no meio da comunidade, trazendo nova proporção a partir da mercadoria, mudança das características do trabalho e das reconfigurações da família, porém trouxe certos desconfortos para alguns setores da sociedade (Cf.: MARQUES; AMARAL, 2013).

Um desses setores foi a Igreja Católica, que com o crescimento desses meios de comunicações e seu impacto na sociedade, interveio com atitudes de alardes voltados aos católicos. Havia certa preocupação por parte do clero e dos governantes em torno das transformações socioculturais, que essas representavam para o corpo social, pois, na visão desses, essas mudanças eram as responsáveis pela propagação da imoralidade e da desvalorização da família, para isto provocou represálias de uma política normalizadora. Para não perder seu poder e garantir a continuidade de seus ideais, a Igreja juntamente com as elites civis, se uniu em prol de um reordenamento e disciplinamento da sociedade, essa ligação entre duas tais ordens, estabeleceu uma aproximação entre os poderes civis e eclesiásticos. Com essa visão de uma sociedade disciplinada, a Igreja e as elites sociais se opunham a todos os conjuntos de ideias que fossem contra as suas ideologias, uma vez que, eram responsáveis, segundo eles, pela desordem e por uma anarquia social, mas

passaram a defender um modelo nuclear de família, que continha um papel definido e que principalmente fosse normalizado, pelas mães cristãs (Cf.: AMARAL, 2010).

Baseando-se em vários discursos, principalmente os de cunho moral, os dois poderes sociais, tentam consolidar um modelo normativo de família, fazendo a divisão dos gêneros feminino e masculino, no qual o homem era o responsável pelo sustento da casa, já a mulher cabia ser cuidadora do lar e dos filhos. Essa visão de família nuclear tinha como objetivo trazer a sociedade de volta para a vida no lar, e aos costumes católicos, afastando-a das novidades urbanas (cinema e os salões recreativos), onde cada vez mais atraiam as pessoas para a "vida mundana". O novo modelo de família foi bastante importante para a Igreja, uma vez que:

> A família é, para diversas tradições religiosas, um locus privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos [...]. Por isso, a principal estratégia utilizada pelo Catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família de origem e na manutenção do modelo nuclear de família (BUSIN, 2011, p. 115).

Para poder continuar com os ideais voltados na vida do lar, a "solução" foi propor a segmentação de papéis nesse novo modelo de família, cabendo, como já afirmamos anteriormente, a mulher ter o papel de esposa-mãe-educadora, e ao homem esposo-pai-provedor. Segundo a historiadora Joan Scott, essa diferenciação de gêneros "baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero como uma forma de dar significado as relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 86), ela ainda ressalta que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, que implica em quatro outros elementos essenciais: símbolos culturais, conceitos normativos, representação binária e identidade subjetiva (Cf.: SCOTT, 1995). Essa separação de papeis masculinos e femininos foi discutida por Carla Bassanezi que expõe:

> A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação do mercado de trabalho, a força e o espirito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse *seus* caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse casar (BASSANEZI, 2006, p. 609-610).

Como podemos observar, a representação feminina no percurso da tradição cristã, ficou deturpada, a mulher era enxergada como um ser inferior e submissa ao homem que ao "longo da história passaram a ser reprodutoras das orientações determinadas pela estrutura dominante vigente: a predominância masculina" (MACIEL; SILVA, 2012, p. 6). Porém a presença da mulher na Igreja, na perspectiva dos eclesiásticos era de suma importância, uma vez que, era ela que no âmbito familiar educava e preparava seus filhos segundos os parâmetros católicos, ocasionando a preservação das famílias na conjuntura da ordem tradicional. Visto isso, para poder manter a sua influência dentro da vida pública, a Igreja visava a interiorização da fé nos âmbitos públicos e privados, nos quais estavam incentivando a formação de diversas associações religiosas, que estivessem a serviço da defesa da moral, da ética e da fé cristã.

Como vimos anteriormente, a chegada da modernidade ocasionou diversas transformações na sociedade, provocando certa preocupação por parte da Igreja, que travava uma luta para que as suas verdades não fossem ultrapassadas por outras que com o passar do tempo vinham conquistando cada vez mais o corpo social, inclusive os seus membros. Portanto, podemos compreender a importância que as associações religiosas tiveram por meio de jornais e revistas em propagar a moral e a ética cristã imposta pelo catolicismo. É por meio disso que:

> A normalização disciplinar consiste em primeiro lugar em colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar, consiste em procurar tomar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Tendo como fundamento o conceito de Michel Foucault, é possível entender as investidas de dominação da Igreja em impor as suas verdades no momento em que estava sendo questionada, na tentativa de normalizar a sociedade empregando-se da mulher como elemento de manutenção da fé, utilizando as associações, pacificamente as voltadas para o público feminino. Nesse contexto, trabalharemos a associação católica denominada Pia União das Filhas de Maria.

Com a aparição da Virgem Maria para a jovem francesa Catarina Labouré (1809-1876) precisamente no dia 27 de novembro de 1830, no qual a ordenou a formação de uma instituição com o nome de Filhas de Maria, criou-se na primeira metade do século XIX a associação da Pia União das Filhas de Maria. Mas, na capital pernambucana, foi

somente no ano de 1911, que elas teriam a atuação no campo jornalístico por meio de uma disseminação da imprensa católica. O trabalho desempenhado por elas tomou tanta proporção que ocasionou na conquista de um periódico próprio, à revista "Maria", sendo de extrema importância para as mulheres daquele período, posto que, conquistaram seu lugar na imprensa. A sua circulação iniciou em abril de 1913, com a publicação pelas Filhas de Maria da Arquidiocese de Olinda, tendo como intenção propor a continuidade da ação de suas associadas com a devoção à Santíssima Virgem, em conjunto com os trabalhos da Igreja e com a própria associação. Além do que, o mesmo foi um dispositivo empregado pelos cleros para propagar a devoção mariana e para normalização da mulher.

O periódico seguia um padrão de formatação no qual se dava da seguinte forma: a numeração dos exemplares correspondia ao mês do ano, sendo assim, a sua contagem era reiniciada anualmente indo do número 1 ao 12, contendo uma média de 16 a 30 páginas por exemplar. Suas capas eram sempre bastantes ilustradas e geralmente traziam imagens de santos católicos, sendo a Nossa Senhora com uma maior predominância nelas. As matérias que contidas nela, tinham um teor bastante diversificado, no qual era formado por notícias locais, nacionais e internacionais, podiam ser tanto no âmbito religioso como laico, continham assuntos relacionados ao combate da modernidade pois eram considerados perniciosos (como roupas, danças e cinema), havia poesias; artigos sobre devoção, vida religiosa, boa conduta etc. Na hora de elaboração dos títulos tinha-se bastante cuidado, para que fossem bastantes claros, objetivos e atraentes ao público (Cf.: AMARAL, 2010).

É a partir desse contexto que tentaremos compreender algumas matérias desse periódico católico como instrumento da normalização do corpo da mulher e um modelo a ser seguido de comportamento.

Como visto antes, o início do século XX ficou marcado por diversas alterações perante a sociedade, nessa conjuntura o periódico publicado pelas Filhas de Maria teve um importante papel na transmissão das verdades católicas diante das más influencias como forma de disciplinar o corpo. A Igreja acreditava que essa nova maneira de se vestir estava ferindo o pudor que a mulher possuía, com isso, a primeira passa a fazer várias investidas contra essa moda. Nesse sentido, foi publicado em março um artigo "A moda e pudor" que continha a seguinte informação:

> A única condição que a Egreja impõe as modas femininas é que ellas não ultrajem, nem firam o pudor. [...] O pudor é a mais eficaz salvaguarda da mulher, no meio dos perigos do mundo, é o seu principal e mais nobre

> ornamento; é a qualidade que mais a torna querida, respeitada e venerada e a que lhe grangeia mais affectos e homenagens. Revestida de pudor, pode a mulher muitas vezes ser anjo; sem ele não passa de demônio (A MODA e o pudor, in: MARIA, 1916, p. 38).

Afirmando ainda que: "A Egreja não póde permitir essas modas escandalosas e libertinas modas não de catholicos e christãs, mas *demi-modaines,* modas que confundem a senhora honrada com a cortezã e que criam n'aquella uma mentalidade errada" (A MODA e o pudor, in: MARIA, 1916, p. 38).

Como as mudanças das roupas trazidas da Europa, acabou por influenciar algumas mulheres recifenses, fato que acarretou o repudio daqueles que faziam parte do clero quanto daqueles que se diziam pertencentes e defensores da "boa família".

> A moda, a terrível corruptora, investiu até contra os lares. Arregaçou as saias das donzellinhas e desceu o decote das senhoras. A moda está corrompendo tudo, sem o menor respeito ás coisas mais puras, mais recatadas ou mais sagradas. Tristes tempos estes, em que a propria familia não se sente forte na sua moralidade e inabalavel na sua pureza! (A MODA corruptora, in: Maria, 1920, p. 10-11).

Apesar das represálias por parte das Filhas de Maria em relação a essa nova moda, elas não ficavam completamente isentas em não poder aceitar pôr completo a esse novo costume, porém deveriam segui-lo de forma discreta, nada que fugisse totalmente da moral cristã, até porque não era muito viável se afastar completamente da moda, pois ocasionaria o desinteresse de outras jovens a ingressarem na associação. Para aquelas mulheres que não seguiam os ideários do clero acerca das vestes, ou seja, que utilizavam a moda "deshonesta", as mesmas acabavam por receber represálias, no qual, a sagrada congregação por ordem do Santo Padre instruiu a todos os ordinários diocesanos sobre a moda desonesta no traje feminino:

> Não devem ser admitidas aos santos Sacramentos nem ao officio de madrinhas do Baptismo e da Chrisma aquellas senhoras e senhoritas que se apresentarem ou muito justo ao corpo, com saias tão curtas que não caiam abaixo dos joelhos uns quinze centímetros, com mangas que não cubram os braços ao menos até o cotovello, com decotes exagerados, com meias côr de carne a ponto de dar a ilusão que a perna está despida (INSTRUCÇÃO da Igreja sobre a moda deshonesta, in: MARIA, 1930, p. 204).

Diversas campanhas feitas pelos eclesiásticos na luta da moral cristã e do bom senso foram travadas, indo de encontro com o exagero das modas femininas. "Portanto, declaramos que não podem servir de madrinha nem são dignas da absolvição sacramental

nem da Sagrada Comunhão, as senhoras que se apresentarem com vestes transparentes ou demasiadamente curtas, braços nús e collo descoberto" (PÁGINA de modas e... modos, in: MARIA, 1923, p. 32).

A Igreja queria impor nas mulheres roupas que dessem exemplo de dignidade e de virtude, devendo banir dos vestuários tudo o que o bom gosto, o bom senso e a moral condenam, sempre procurando se vestir com "o molde, a côr, a qualidade dos tecidos de acordo com a sua idade e situação social" (COMO nos vestir em 1922, in: MARIA, 1922, p. 53). Para isso, ela acreditava que deveriam combater a moda desenfreada com a moda. Pois, quem "De vós, donzellas christãs e matronas piedosas deve partir a oposição tenaz contra o despudor no vestir principalmente na hora actual em que pululam as consciências de borracha ao lado de uma moral de lama" (PÁGINA de modas e... modos, in: MARIA, 1922, p. 92).

Além dessas seções falando acerca da conduta da mulher, continham pequenas histórias que discorriam sobre casos em que a moça seguiu os "males mundanos", e quais foram os resultados dessa escolha. Um exemplo disso é o texto:

> Uma mãe, vestida para ir ao baile quis despedir-se do filhinho esperando, talvez, a admiração deste por ella ser tão...bela e ricamente vestida. O pequeno, porém, deitou a chorar e encobriu os olhos com suas mãozinhas exclamando: Mamãe deve vestir uma camisa! (MODOS e Modas, in: MARIA, 1923, p. 194).

Portanto, as mulheres deveriam ser portadoras do pudor, uma vez que, é uma virtude mais elevada da mulher, pois ele seria "o véu de inocência, de castidade, um escudo que a defende das tentações mundanas e no qual se reflete a pureza de sua alma" (MODOS e modas in: Maria, 1923, p. 194). Surgi, então, para bater de frente com o este pudor, o exagero na moda, que infiltrou-se na sociedade semeando a corrupção e a deturpação dons bons costumes.

Nesse trabalho, buscamos analisar o papel das Filhas de Maria em repassar os conceitos cristãos por meio de matérias contidas na revista "Maria", no período de 1913 a 1930, na cidade do Recife. Naquela época a Igreja Católica se encontrava em um cenário preocupante, uma vez que, estava perdendo o seu "poder" para os novos costumes da modernidade, que cada vez mais seduzia a população. Para tentar manter sua atuação, ela visou a interiorização da fé na vida pública e privada, incentivando a formação de associações religiosas para a defesa dos bons costumes católicos. As matérias analisadas, evidenciam a explicita investida da Igreja de manter seus costumes tradicionais por meio

da indução do comportamento feminino, já que nesse período as mulheres eram responsáveis pela educação do lar e em manter a fé do mesmo. Devido a isto, podemos concluir que a Pia União das Filhas de Maria e o periódico por ela publicado na capital pernambucana, foram espaços importantes para normalização do corpos femininos.

Referências

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que fizeram "ellas"?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORI, Mary Del (orga.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

BARNARD Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de janeiro: Rocco, 2003.

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. **REVER** - Revista de Estudos da Religião, São Paulo, ano 11, n. 1, p. 105-124, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032>. Acesso em: 26 jan. 2018.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

COMO nos vestir em 1922. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 10, n. 4, p. 53, abr. 1922.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONCALVES, Patricia Ramos. **Moda como meio de comunicação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Centro de Ensino Unificado de Brasília, Brasília, 2007.

INSTRUCÇÃO da Igreja sobre a moda deshonesta. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 18, n. 9, p. 204, set., 1930.

LIPOVETSY, Gilles. **Império do efêmero**: a moda e seus destinos nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes; SILVA, Magnólia Gibson Cabral da. A consagração feminina nas igrejas cristãs em Campina Grande/PB: estudo comparativo entre as igrejas católica e evangélicas. **Anais dos Simpósios da ABHR**, São Luís, v. 13, 2012, p. 1-15. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/516/349>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MARQUES, Luiz Carlos Luz; AMARAL, Walter Valdevino do. Modernas... Mas conservadoras: Associações católicas e o papel do laicato na Igreja Católica no Recife

durante a Primeira República. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, v. 3, n. 1, p. 283-305, 2013. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/373/340>. Acesso em: 22 jan. 2018.

A MODA corruptora. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 8, n. 1, p. 10-11, jan., 1920.

A MODA e o pudor. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 4, n. 3, p. 38, mar., 1916.

MODOS e Modas. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 11, n. 10, p. 194, out., 1923.

PÁGINA de modas e... modos. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 10, n. 6, p. 92, jun., 1922.

PÁGINA de modas e... modos. **Maria**: Revista das Filhas de Maria, Olinda, ano 11, n. 2, p. 32, fev., 1923.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar no Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DA SILVA, Ana Cristiane. **Representações de moda na Bahia-reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz. **O poder e o conhecimento**: introdução ao pensamento de Michel de Foucault. Salvador: EDUFBA, 2014.